

AS VÁRIAS FACES DO USO DO BAIRRO E A COTIDIANIDADE DO MORADOR¹

Regina Celly Nogueira da Silva
Departamento de Geografia – FFLCH/USP

RESUMO:

Este artigo visa apreender as diferentes formas de uso do bairro enquanto um fragmento no vasto universo que é a cidade, lugar que guarda uma singularidade, antigas e novas formas de apropriação e uso mas, principalmente, uma identidade histórica/espacial.

PALAVRAS-CHAVE:

lugar – bairro – uso – cidade

RÉSUMÉ:

Il s'agit de prendre en compte les différentes manières de l'usage du quartier comme un fragment dans le vaste univers qui est la ville, lieu qui garde une singularité, anciennes et nouvelles formes d'appropriation et d'usage, mais principalement une identité historique/spaciale.

MOTS-CLÉS:

lieu – quartier – usage – ville

“Mas porque estar aqui é excessivo e todas as coisas parecem precisar de nós, essas efêmeras que estranhamente nos solicitam.

A nós, os mais efêmeros.

Uma vez cada uma, somente uma vez.

Uma vez e nunca mais. E nós também, uma vez, jamais outra. Porém este ter sido uma vez, jamais outra. Porém este ter sido uma vez, ainda que apenas uma vez, ter sido terrestre, não parece revocável.” RILKE

O Bairro da Torre² pode ser considerado como uma realidade que abrange ou encerra muitos elementos, observáveis sob diferentes aspectos e que responde a diferentes formas de uso: é o lugar por excelência de um habitat, um lugar de trabalho, um lugar onde o morador passa o seu tempo livre e visita familiares e amigos, ou ainda um lugar de

¹ Este trabalho foi elaborado no primeiro semestre de 1997 enquanto parte do exame de qualificação.

² O Bairro da Torre localiza-se a sudeste do centro antigo da cidade de João Pessoa no nordeste brasileiro. Enquanto um dos bairros mais antigos da cidade de João Pessoa,

visto que a sua origem data do final da década de 20 deste século enquanto um espaço eminentemente residencial e hoje se transformando em um bairro prestador de serviços a cidade de João Pessoa.

passagem para outros lugares da cidade. Todavia, colocamos a seguinte questão: em que medida é possível afirmar as várias formas de uso do bairro da Torre? E, quais as suas várias faces?

As diversas formas de uso do bairro são verificadas no dia-a-dia das atividades estabelecidas pelo morador. É a nível deste estabelecimento prático-cotidiano que se travam os embates e as lutas pelo uso e pela apropriação do lugar (LEFEBVRE, 1979, p.85). É nesta perspectiva que Henri Lefebvre afirma que é no ato de apoderar-se do lugar que o morador vive essencialmente os sentidos da vida e as dimensões da existência, tendo-se em vista que, é no viver o lugar que se encontram as resistências ou o que na denominação de Lefebvre é concebido como os resíduos irredutíveis ao domínio da lógica, da razão (SEABRA, 1996, p.71).

Buscando encontrar “os resíduos irredutíveis ao domínio da lógica e da razão” é que nos debruçamos sobre as diferentes formas de apropriação do Bairro da Torre. O morador, ao viver a cotidianidade do bairro, privilegia certos usos em detrimento de outros, rechaçando-os ou aceitando-os por distintos motivos (SILVA, 1993, p. 88). Ou ainda, nesse viver a cotidianidade do bairro o morador tem acesso limitado a determinadas formas de uso; esses limites são impostos pelas relações sociais que aí se estabelecem e que se expressam no processo de segregação dos lugares no interior do bairro.

O uso é aqui compreendido como um conceito que nos permite apreender as diversas formas de apropriação do bairro pelo morador, mediada por uma prática social criadora que explora o encontro, a festa, a brincadeira, o trabalho, o simples caminhar pelas ruas e, sobretudo, o habitar poeticamente o bairro. Por outro lado, o uso é também revelador das formas de propriedade que se contrapõem à apropriação (SEABRA, 1996).

Nesse sentido, o uso se liga ao bairro, ao local e nos permite apreender tanto as possibilidades, aceitas ou rejeitadas pelos moradores, como os limites que aí se estabelecem e se expressam na sua

paisagem urbana e na vida dos seus moradores, seus trajetos e percursos dizem respeito à vida apropriadas pelo corpo e também como consumo do espaço (CARLOS, 1996).

É habitando poeticamente o bairro que o morador constrói ao nível do vivido uma relação afetiva com o lugar. Para o morador o ato de habitar significa, antes de tudo, o sentir-se em casa, o manter-se afetivamente com o outro. É o não ter sentimento de estranhamento diante do lugar. É o sentir-se familiarizado com as calçadas por onde passa, das quais conhece todas as pedras (HALBWACHS, 1990, p. 134) e que despertam o sentimento de enraizamento no lugar. Pode-se dizer que esta é uma das primeiras e mais importantes formas de uso do bairro pelo seu morador.

Talvez tenhamos alguma possibilidade de compreender esta questão, guiando-nos por uma citação significativa de Simone Weil: “O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana e uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro” (WEIL, 1979, p. 317). O próprio morador da Torre compreende esse enraizamento:

realmente é uma coisa muito importante e boa, porque você morando muito tempo num canto assim é certeza que você tem tranqüilidade, né! Pra mim é gratificante morar há quarenta e cinco anos numa casa, porque eu tenho tranqüilidade, num é! Foi onde eu construí meu lar e a tranqüilidade gira em torno disso. Adoro passar pelos lugares, porque em todo o canto que eu passo eu tenho amigos e muita gente conhece a mim e a toda a minha família. Em todo canto que eu passo, eu tenho conhecimento, é muito bom a turma me conhece bastante. Como morador antigo do bairro, eu tenho um conhecimento profundo do bairro. Tem pessoas que me conhecem, fala o meu nome, que às vezes eu não sei nem quem é, sei que mora no bairro, mas é preciso demorar um pouco para recuperar a memória e saber quem é (Seu Zito).

Na Torre, ainda se conservam vivos *certos tesouros do passado*. Esse sentimento de que nos fala Simone Weil, é perceptível através da sua paisagem. Entretanto, essa relação afetiva do morador com o bairro é algo complexa e feita de várias maneiras. Cada rua, cada pedra, cada praça, a simplicidade de suas casas traz sua contribuição para a essência afetiva, assim, cada parte do bairro contribui para chamá-lo ao imaginário do seu morador (WEIL, *Idem*, *Ibidem*, p. 172).

Deitar o olhar sobre algumas ruas ou lugares que se localizam no seu interior como: as ruas Marroquina Ramos, a Hortense Peixe, a Joaquim Torres, a Feliciano Dourado, a Professor Paredes, é nos depararmos com esse tempo passado que insiste em permanecer, de casas simples com pequenos terraços e cadeiras nas calçadas, enquanto local da conversa, da troca de informação, da sociabilidade. O portão e o muro baixo, os velhos nas esquinas conversando no final da tarde, a porta da frente aberta onde basta um olhar para se ver o fundo do quintal, crianças jogando bola na rua, muitos seriam os exemplos para justificarmos esta realidade. Esse habitar poeticamente o lugar ainda é uma realidade possível para o morador do Bairro da Torre. Sobretudo, aquele morador que habita ruas que se mantêm residenciais, abrigando muitas vezes apenas um pequeno comércio local, do próprio bairro, que atende ao seu morador a exemplo dos armarinhos, das mercearias e das oficinas de pequenos consertos.

Algo que nos chama a atenção são as suas antigas vilas. As vilas são resíduos de um tipo de moradia que remonta à gênese do bairro. No passado, elas eram comuns, tendo-se em vista a escassez de moradia na cidade de João Pessoa. A moradia na Torre sempre esteve voltada para atender a uma população empobrecida, oriunda do interior do Estado, que migrava para a cidade expulsa de suas terras pelas constantes estiagens, como também por questões políticas ligadas à luta pela posse da terra. Essa população via na cidade a única possibilidade para sobreviver ao violento processo de expropriação.

Esse tipo de moradia abrigava também uma classe trabalhadora empobrecida, desempregada, empurrada para os subúrbios da cidade. Ou ainda, moradores do próprio bairro, filhos de antigos moradores, que casavam e não queriam se afastar das suas famílias indo morar em lugares mais distantes. Quase sempre são casas conjugadas, com uma porta de entrada e uma janela na frente, possuindo às vezes um pequeno terraço, umas de frente para as outras. Algumas vilas possuem uma só entrada, e outras ligam muitas vezes duas ruas paralelas, o acesso quase sempre é pelo oitão³ estreito da casa do proprietário que, através da sua presença mantinha a ordem e a boa vizinhança. É a articulação de vínculos familiares já existentes e os laços de solidariedade mútua que resultam na apropriação do espaço e na sociabilidade típica do lugar. Um antigo morador do bairro da Torre nos relata a existência das vilas dizendo:

Eu mesmo tenho uma vila ali na General Bento da Gama, com dezenove casinhas. Naquela época não existia conjunto habitacional, quem tinha um quintal grande fazia um quartinho e alugava, outro quartinho e alugava, e aí foram surgindo as vilas. A vila Patriarca, a vila Ponce Leon, a vila Levi e outras. Essa população vinha do campo ou daqui da Torre mesmo. Os filhos iam casando e iam para onde? Aí que alugavam um quartinho numa vila para ficar próximo da família. (Sr. Vítório Trocoli).

Nesse sentido, se por um lado, as vilas expressam na sua realidade sócio-espacial as desigualdades e contradições de uma sociedade hierarquizada e dividida em classes sociais, por outro lado, elas são lugares onde o nível de solidariedade ainda é exercitado, as relações de amizade e vizinhança tendem a se aprofundar e se tornarem mais duradouras, sobretudo por uma questão de sobrevivência

³ Oitão- cada uma das paredes laterais da casa situada nas linhas de divisa do lote. Cf. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Ed. Nova Fronteira, 1986.

dessa população. É lugar comum o conhecimento e a participação mútua. Tais relações se estreitam na cotidianidade através do encontro, sempre freqüente das festas comemorativas, a exemplo das comemorações juninas, das festividades natalinas, dos batizados e dos velórios. Estas são algumas dentre tantas outras formas de envolvimento.

Todavia, os *pressentimentos do futuro*, de que nos fala Simone Weil, mudam o sentido do habitar o bairro. Hoje, muitos são os moradores que utilizam o espaço da casa para o comércio. Criam-se assim, por um lado, novas possibilidades de ganho e, por outro, um novo sentido para o lugar. Utilizando o mesmo espaço de moradia, os moradores montam na parte de baixo ou na frente da casa pequenos estabelecimentos comerciais, tais como: lanchonetes, fiteiros, mercadinhos, armarinhos, oficinas de pequenos concertos.

Esse novo sentido de uso da casa, deve-se, sobretudo, ao processo de empobrecimento crescente dessa população, que procura na multiplicação de pequenos negócios se defender da crise econômica por que passa o país. Ou ainda, chegando-se a casos extremos, quando o capital e o progresso, com sua força devastadora, operam mudanças consideráveis, expulsam o morador da casa e adentram pelas salas, quartos, cozinha, impondo-lhe um novo sentido ou, para o morador, a falta de sentido. A casa e o bairro já não lhe pertencem mais, quando muito, ele os carrega apenas em sua memória, a exemplo do que nos diz um morador:

O problema do dia-a-dia do bairro hoje é diferente de seus quarenta anos atrás. Porque aqui não existia nenhuma atividade comercial ou industrial que desse para o povo sobreviver. Então o povo se deslocava para outros locais, para o centro da cidade, para as indústrias. Hoje a maioria do povo que mora aqui, por causa do crescimento do bairro vive aqui mesmo, trabalha aqui mesmo, convive aqui mesmo. Tanto através de um comércio ou na pequena indústria ou ainda como empregado. O que mudou mais no bairro foi isso. A maioria do povo usa o bairro para moradia e também para

um pequeno comércio de sobrevivência. Para você ter uma idéia, hoje eles adotaram fazer a parte de baixo da residência comércio e fazer um tipo de sobradinho para morar em cima, que dizer, eles usam hoje o bairro assim pra própria moradia e pra sobrevivência. A diferença é grande do tempo passado por causa disso.(...) Os comerciantes antigos muitos ainda moram no bairro outros se mudaram para a praia e outros bairros, os novos que vieram para cá negociam aqui e moram em outros bairros. (...) O que ocorreu também é que muita gente vendeu seu imóvel e saiu da Torre para outros bairros mais tranquilos. (Seu Zito)

Nos últimos anos da década de oitenta e início dos anos noventa, o bairro viu se desenvolver uma economia urbana pautada no setor secundário e terciário. Lojas de peças para automóveis, concessionárias de carros, consultórios médicos, clínicas médicas, depósitos de material de construção, que passaram a se concentrar nas avenidas principais que cruzam o bairro na sua porção central, e nas suas laterais, e que servem como corredores de circulação e eixos de ligação do bairro com outras partes da cidade. O seu ritmo se intensifica, as pessoas passam a freqüentar o bairro a procura de novos serviços, suas ruas se tornam mais movimentadas e a sua paisagem social se transforma, criam-se novos signos e significados para o bairro.

Entretanto, caminhando pelo interior da Torre, encontramos ainda pequenos negócios e formas de trabalho que remontam o seu passado. Nas esquinas das Avenidas Bento da Gama com a Carneiro da Cunha, na Barão de Mamanguape com a Manoel Deodato e na Manoel Deodato com a Julia Freire, é possível encontrarmos as antigas mercearias⁴ com suas portas altas e largas que quase sempre abrangem as transversais, com suas paredes pouco acabadas e seus balcões de madeira desgastados

⁴ Loja onde se vendem a retalho gêneros alimentícios; armazém. Cf. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Ed. Nova Fronteira, 1986.

pelo uso, as mercadorias expostas nas prateleiras guardando assim um aspecto de um tempo passado, como também, antigas formas de negociação, como a caderneta, onde o morador compra para pagar no final do mês e volta todos os dias para realizar alguma compra. Quase sempre são fregueses que moram no bairro há muitos anos e construíram no dia-a-dia relações de confiança mútua com o proprietário. Moradores que quase sempre possuem pouco poder aquisitivo e que não se sentem à vontade para freqüentar o supermercado. Essa forma de comercialização é rememorada pelo morador:

Aquí na Torre há moradores que ainda compram nas mercearias para pagar no fim do mês, com caderneta, e compra todos os dias, todos os dias um pouquinho, tem morador que nunca entrou no supermercado Primo⁵ (Seu Zezé).

Aos domingos, dia de feira, o ritmo do bairro intensifica-se, sobretudo, ao redor do mercado Joaquim Torres, quando um número considerável de pessoas se deslocam em direção ao mercado para as compras. O mercado Joaquim Torres foi construído em terreno doado pelo Sr Joaquim Torres, sendo inaugurado pelo então prefeito Miranda Freire em 30.II.1962. Contudo, anos depois, na administração do então Prefeito Hermano Augusto de Almeida, o mercado passou por reformas consideráveis, sendo assim reaberto em 14.03.1979, no mandato do Prefeito Dorgival Terceiro Neto (SILVA, 1997). O mercado abrange uma área total de 5.060,00m e possui apenas 1.260,00m de área construída, contém 69 boxes e 190 barracas (JOÃO PESSOA, 1985), oferece uma grande variedade de produtos hortigranjeiros e atrai a população residente no bairro, como também, pessoas de outras localidades da cidade. Esta prática não atende apenas a uma população pobre, mas também uma população de um maior poder

aquisitivo, sobretudo do próprio bairro. Ao redor do mercado, concentram-se aqueles pequenos serviços como os armarinhos, as lanchonetes, os sapateiros, e um número considerável de carroceiros⁶ que transportam as feiras dos usuários que moram naquelas imediações ou em lugares mais distantes da cidade.

Vale salientar que esses carroceiros são tradicionais no bairro e podem ser vistos, sobretudo, aos sábados e domingos quando o movimento do mercado aumenta. Eles se aglomeram ao redor do mercado a partir das 5:00 horas da manhã e só se vão ao entardecer quando a feira acaba. Quase sempre são trabalhadores oriundos das vacarias que se localizam às margens do rio Jaguaribe ou nas suas proximidades, vindo ainda de outras partes mais pobres da cidade. Pessoas que trazem em sua história de vida uma origem rural e como eles próprios dizem “para sobreviver na cidade adquirem uma carroça para ganhar a vida” Durante a semana, comumente são vistos transportando outros tipos de mercadorias como material de construção e mudanças, atendendo quase sempre a uma população pobre que reside tanto no bairro como em outras partes mais distantes da cidade. Os carroceiros significam, à sua maneira, resíduos de hábitos ainda rurais encravados no interior do bairro e da cidade de João Pessoa.

Segundo Maia, João Pessoa é uma cidade que ainda guarda no seu espaço urbano a existência de hábitos rurais. O encontro nas ruas e avenidas da cidade com as carroças e pequenas boiadas, desvelam a resistência de hábitos rurais no interior da própria cidade e do bairro. Maia constata que em João Pessoa o campo não se limita apenas a ocupar as bordas do seu tecido urbano, mas entranha-se pela sua malha urbana, através de vazios urbanos, nas margens dos vales dos rios⁷ que a entrecortam. São nes-

⁵ Supermercado construído em 1990 na Avenida José Américo de Almeida- Beira Rio, com instalações modernas e uma grande diversidade de produtos.

⁶ Carro grosseiro, geralmente de tração animal, para cargas.

⁷ Nos vales dos rios Jaguaribe, Timbó, Laranjeiras, Cuiá e Bomba que entrecortam a malha urbana da cidade de João Pessoa.

ses espaços que se encontram vacarias, currais, granjas, pocilgas e chácaras, onde, de uma forma ou de outra, realizam-se práticas de trabalho tipicamente rurais (MAIA, 1994). Desse modo, ainda é possível nos depararmos com a presença de animais bovinos e eqüinos passando ou pastando em terrenos vazios, praças e áreas vazias da cidade e do bairro da Torre. Não obstante, a prática destes trabalhos e/ou hábitos rurais estão presentes na Torre, na margem esquerda do vale do rio Jaguaribe. A prática mais usual é a da criação de gado leiteiro ou de corte, quase sempre praticado por uma população carente como forma de sobrevivência mas, também, por uma população que possui melhores condições de vida e que faz dessa atividade uma segunda fonte de renda, servidores públicos, trabalhadores liberais.

Desse modo, ruas, praças, esquinas e outros lugares estão lá, com seus usos e sentidos habituais. De repente, tornam-se outra coisa: a rua vira trajeto devoto em dia de procissão de São Gonçalo, vira o espaço da festa de São João com suas fogueiras e seus pavilhões, as esquinas local do encontro e da conversa dos velhos, as áreas vazias local de pastagem para o gado. Na realidade, são as práticas sociais que dão significado ou resignificam tais espaços, através de uma lógica que opera com muitos eixos de significação: casa/rua; masculino/feminino; sagrado/profano; público/privado; trabalho/lazer; propriedade/apropriação e assim por diante.

Para a Torre as festas eram consideradas muito mais do que um simples evento social. No passado elas tinham um componente afirmativo referido ao estabelecimento e reforço de laços de sociabilidade, desde o núcleo familiar até o círculo mais amplo que envolvia os amigos, os chegados e até desconhecidos" (MAGNANI, 1996). Assim, a festa, enquanto uma prática cultural popular que supõe a formação de vínculos e implica determinadas formas de relação com o espaço, sempre teve uma importância singular para o bairro.

Quase sempre a festa de São João é iniciada na noite antecedente ao dia do Santo. São acesas as

fogueiras, faz-se adivinhações, ocorrem os banhos rituais, dança-se, come-se, soltam-se fogos. Assim, toda a comemoração é de caráter noturno. A fogueira (CHIANCA, p. 113) é identificada na festividade enquanto uma prática purificatória, como força renovadora e vital. Não obstante, esta é na realidade a forma como a festa é apreendida na experiência dos que a comemoram. Desse modo, a festa de São João surge enquanto celebração onde a preocupação como fecundidade humana ou agrícola, se revela em toda ordem de associação (CHIANCA, 113) se refere sobretudo às mulheres, e ao casamento, construção social religiosa cristã oficializadora das uniões. No entanto, a celebração, refere-se sobretudo ao Santo e encerra um universo de símbolos e valores ligados a uma vida rural.

Segundo Chianca, no Brasil, sobretudo no Nordeste, o São João coincide com o período em que as populações rurais festejam as colheitas, as fogueiras teriam uma importância fundamental, visto que afastariam a possibilidade de estiagem, pestes, esterilidade do solo etc. Também a Europa conheceu esta tradição de acender fogueiras nas suas planícies, de dançar ao redor do fogo, de saltar sobre as chamas, assim, todas as esperanças do convívio e das expectativas de meses abundantes.

No dia 23 de junho à noite, iniciou-se a festa. As fogueiras foram acesas e dois eram os pavilhões armados para as festas juninas. Um na Carneiro da Cunha no sentido bairro-centro, o Selva de Pedra e o outro na Feliciano Dourado com a Avenida Prof. Paredes, o Pindura a Saia. Todos os dois em estilo chalé, de madeira e plástico preto no teto com fitinhas de papel branco, verde e amarelo penduradas em cordões no teto e folhas de coqueiro verde no interior dos pavilhões. Na realidade, o bairro parecia deserto, apenas com alguns bares abertos e pessoas tomando cerveja próximo a um dos Pavilhões, o Selva de Pedra, na Carneiro da Cunha. Em algumas ruas crianças brincavam nas calçadas com fogos de artifício, donas de casa vendiam milho cozinhado nas portas das casas e o mercado Joaquim Torres já se

encontrava fechado, totalmente tomado pelas palhas do milho verde que foram vendidas durante o dia. No interior das casas as moças faziam adivinhações, presságios, plantavam alhos para que se ao amanhecer estivessem germinados, seria sinal de que a moça se casaria.

Assim, nos dirigimos para o pavilhão do Pindura Saia, na rua Feliciano Dourado, onde fomos informados pelos moradores de que não haveria apresentação de quadrilha naquela noite, pois a costureira contratada para confeccionar as roupas não conseguira terminar tudo a tempo. Assim, seguimos pela Feliciano Dourado em direção ao mercado, entramos à direita na Barão de Mamanguape e pegamos a Carneiro da Cunha em direção ao pavilhão Selva de Pedra. Conseguimos chegar a tempo de assistir a apresentação da quadrilha infantil que, como nos havia relatado seu Bomba rouca ao entardecer de uma sexta-feira quente ao lado do mercado, “o São João e as quadrilhas da Torre já não existem mais como no passado, estão todas descaracterizadas” Entretanto, não conseguíamos entender com clareza a marcação da quadrilha, visto que, o organizador que a ditava não parecia muito preocupado com os visitantes e tampouco em estimular a graça da dança e suas especificidades. As músicas eram conhecidas, havia um pequeno conjunto com um sanfoneiro, um triângulo e um surdo.

As meninas trajavam vestidos de algodão com duas saias, sendo uma saia quadriculada de vermelho e azul e a outra de chifon vermelho com enfeites de bico de algodão branco nas pontas. Na blusa, o enfeite com fita de seda vermelha, mangas fofas com bico de algodão nas pontas, chifon vermelho, chapéu com o mesmo tecido da saia de algodão quadriculado com fita de seda vermelha e, em volta, um bico de algodão branco. Os vestidos não eram muito compridos, ficando na altura da canela.

Nem todas as meninas trajavam o mesmo modelo, o vermelho era a cor predominante e algumas meninas estavam de saia longa e blusa muito curta com lenço na cabeça; algumas tinham chapéu

de palha e quase todas calçavam sandálias. Os meninos, quase todos de calça jeans e camisa quadriculada, mas com cores diferenciadas, de tênis, alguns trajavam calça preta, blusa branca e colete preto.

Pelo depoimento dos seus antigos moradores, no passado, o São João da Torre era conhecido, sobretudo, por concentrar um considerável número de pavilhões e pela sua grande animação, como também, por concentrar um sofisticado comércio de fogos de artifícios e comidas típicas. Eram comuns os bazares nas portas das casas, confeccionados pelos próprios meninos do bairro: eram “caixinhas de madeira” com várias divisórias, enfeitadas com papel colorido, algumas tinham até gavetinhas para colocar o dinheiro.

Nas nossas caminhadas pelo bairro durante as festas juninas, poucos foram os pavilhões que encontramos e muito menos as tradicionais barracas de fogos de artifícios, nem tampouco os bazares nas portas das casas. O São João do bairro modernizou-se como relata seu Bomba rouca:

A festa de São João na Torre era conhecida, nove eram os pavilhões de madeira com palha, decorados com bandeirinhas de papel coloridas, o nosso pavilhão era aqui na Feliciano Dourado com a Miguel Santa Cruz, era o local central. O nosso pavilhão começou em 1955, na Joaquim Torres na casa de seu Agrisio, e em 56 viemos para a Feliciano Dourado, foi quando fundamos a fazenda Pindura a Saia que naquela época causou muita polêmica por causa do nome. (...) Antigamente, para dançar a gente tinha que dar os trajes da dama e precisava ir à casa dela para pedir consentimento ao pai da moça. Quando terminavam os ensaios tinha que levar a dama em casa, bater na porta e dizer, olha aí seu fulano a moça já está em casa. A nossa roupa era de matuto mesmo, os homens tudo de um jeito, camisa quadriculada, chapéu de palha, causa de matuto e as damas de vestido de chita estampado, de mangas compridas, bem comprido, com um totó e uma flor no cabelo e ruge. Isso era antigamente, o nosso traje só era visto na véspera do São João e quem primeiro via era o pessoal que nos visitava no nosso pavilhão. Quem quisesse ver a nossa qua-

drilha e o nosso traje que vinhesse para o nosso pavilhão.

(...)No nosso tempo, toda fazenda, como eram chamados os pavilhões, só podia ter um coronel e era o coronel que abria a quadrilha e ditava tudo e o povo ia entendendo a dança e o que estava acontecendo. Todo componente pagava para participar da quadrilha, não existia isso do Estado e Prefeitura dar dinheiro. Hoje em dia estão se prevalecendo disso. O tocador hoje em dia cobra dois mil reais, um som melhorzinho oitocentos reais, o pavilhão não é mais de palha de coqueiro seca é de madeira e lona ou plástico preto com uns enfeitos. No meu tempo, a gente é que fazia a decoração.

(...) São João na Torre tinha muita importância, hoje em dia o povo não está mais ligando. Naquela época o pessoal tinha amor aos festejos juninos, hoje em dia não tem mais, só tem gente bebendo, a quadrilha se descaracterizou, agora só tem dois pavilhões e esse ano a quadrilha que eu fundei não dançou a Pindura a Saia. O homem se modernizou demais, hoje em dia os componentes não querem mais brincar o São João, agora se for para um show eles dão dez reais, mas se for para brincar quadrilha eles não querem pagar. Por isso eu deixei de marcar

(Sr. José Coutinho, mais conhecido como, Bomba-rouca).

O São João da Torre mudou, como mudou a sua paisagem urbana. A descaracterização das festas é resultado das transformações que se processaram no bairro nos últimos anos com a chegada de uma nova cultura, a cultura do capital, do consumo, do novo. Como argumenta Ecléa Bosi "quando duas culturas se defrontam, não como predador e presa, mas como diferentes formas de existir, uma é para a outra como uma revelação. Mas essa experiência raramente acontece fora dos pólos submissão-domínio. A cultura dominada perde os meios materiais de expressar sua originalidade" (BOSI, 1987, p. 16).

O pensamento de Ecléa Bosi ganha uma força contundente diante da realidade social e cultural do bairro da Torre, quando a cultura do capital despoja o homem de sua própria humanidade, quando o bairro se transforma em local de consumo de mercadoria, sendo ele próprio uma mercadoria como outra qualquer, vendida e comprada aos pedaços, em detrimento da sua apropriação pelos seus moradores através da festa, do encontro, da brincadeira.

Bibliografia:

- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade-Lembranças de Velhos*. São Paulo: Edusp, 1987
- BOSI, Ecléa. Bosi, Alfredo.(org) *Cultura e desenraizamento in Cultura Brasileira Temas e Situações*. São Paulo: Editora Ática, 1987.
- BENJAMIM, Walter. *O narrador. In: Obras Escolhidas Magia e Técnica Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CARLOS, Ana Fani A *O Lugar no/do Mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CHIANCA, Luciana de Oliveira. *Viva São João! O Santo e sua festa*. João Pessoa: UFPB. CCHLA, 1987.
- HALBWAACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- LEFEBVRE, Henri. *De Lo Rural a Lo Urbano*. Lisboa: Península, 1979.
- MAGNANI, José Guilherme C. Torres, Lilliam de Luca(org). *Na Metrópole. Textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1996.
- MARTINS, José de Souza. *Henri Lefebvre e o Retorno a Dialética*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- MAIA, Doralice Sátyro. *O campo na cidade: necessidade e desejo*. Florianópolis: UFSC, 1994.
- RODRIGUES, Janete Lins. *Acumulação de Capital e Produção do Espaço: o caso da grande João*

- Pessoa. João Pessoa*: Editora Universitária, 1980.
- SEABRA, Odette Carvalho de Lima. "O Pensamento de Henri Lefebvre e a Geografia" In: *Boletim Paulista de Geografia*. São Paulo: AGB, 1996.
- SILVA, Armando. Heck, Maria (org). "La ciudad en sus símbolos: una propuesta metodológica para la comprensión de lo urbano en América Latina" In *Grandes Metrópoles da América Latina*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1993.
- SILVA, Valdete Pereira da. *O Bairro da Torre de Feição Bucólica a cenário das Transformações Recentes*. João Pessoa: UFPB/CCEN, 1997.
- WEIL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

